

## PREGUIÇA E SABER

Eneida Maria de Souza\*

No ano do centenário de nascimento de Mário de Andrade, a comunidade cultural brasileira sente-se bastante à vontade para proceder ao ritual de homenagens em torno de seu nome. Trata-se, sem dúvida, de um dos escritores modernistas mais estudados nas últimas décadas e presença constante em pesquisas realizadas no âmbito acadêmico e fora dele. A sua produção escrita ultrapassa a literária e se expande nas inúmeras vertentes interdisciplinares. A contínua proliferação e divulgação de suas idéias deve-se, em grande parte, à pesquisa integrada desenvolvida no IEB/USP - onde se encontra o acervo do escritor - e de onde saem as publicações de inéditos e edições críticas de sua obra. Trabalhos isolados de especialistas nacionais e estrangeiros completam os estudos desse texto que cada vez mais se avoluma.

É tarefa infundável a decifração da Biblioteca de Mário de Andrade, em virtude da importância de sua produção ficcional e ensaística e do rico material relativo à correspondência que, durante anos, manteve com amigos e escritores de várias gerações. Com o avanço das pesquisas sobre a sua obra, consolida-se a imagem de Mário, inegavelmente um dos mais notáveis representantes do movimento artístico e literário que abalou a *intelligentsia* brasileira na década de 20. Poucos dentre os

---

\* Professora do Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

intelectuais do país se entregaram, de forma tão apaixonada, à questão da identidade nacional e à constituição de uma cultura voltada para todas as vertentes da sociedade. Refletir, nos tempos atuais, sobre o projeto construtivista do escritor consiste no endosso de um projeto inacabado no qual a sua marca se encontra definitivamente presente.

A cultura brasileira encontrava-se, nessa época, em fase de renovação estética, pelo exercício revolucionário de experimentos e atos de vanguarda - a epidemia da ruptura e do novo - ao mesmo tempo em que se estruturava um modelo de país politicamente ancorado no projeto de modernização, de feição autoritária e elitista. A convivência, em Mário, de dois pólos contraditórios da memória - no processo criativo e na atitude empreendedora do homem público - longe de constituir um jogo de forças que se excluem, permite configurar o perfil igualmente contraditório do movimento modernista. O estreito vínculo entre a ruptura de modelos estrangeiros e a descoberta de uma tradição cultural do país foi por muito tempo esquecido, ao se privilegiar, no modernismo, a leitura pelo viés da destruição e da vanguarda, em detrimento dos valores legados pela tradição. Repensar o caráter duplo desse processo consiste em abordá-lo pelo caminho sinuoso das margens, esquecendo-se astuciosamente da versão canônica que sempre flui na correnteza dos rios literários.

Com Mário de Andrade, percebe-se a dupla posição diante do passado: utiliza-se tanto do mecanismo de “traição da memória” como estratégia para apagar os rastros e esquecer lições herdadas da tradição, como revitaliza a memória dessa tradição, ao se empenhar na luta de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Como intelectual e homem público, colabora no Departamento Cultural do Município de São Paulo, no Ministério de Educação de Capanema, elabora projetos e procura restaurar a “fraca” memória do país. Convivendo, de forma coerente, com a visão ambivalente da memória, irá optar, na criação artística, pelo apagamento dos modelos e pela rasura das origens, cujo exemplo mais significativo é Macunaíma, o grande desconstrutor de linguagens.

O autor declara, em várias oportunidades, ser a ausência de memória um dos maiores defeitos de sua formação intelectual. Revela-se contrário à prática da memória como traço de erudição e acúmulo de saber. O que mais lhe importa, no ato de rememoração, é sentir-se desmemoriado, atingindo, a partir do esquecimento, o salto criativo e a percepção do mundo em “perene descobrimento”. A defesa do culto

da sensualidade - através do exercício lento e prazeroso do saber experimental - convive, de maneira contrapuntística, com a memória. Em carta a Oneyda Alvarenga, datada de 14/09/40, Mário associa o esquecimento a uma sabedoria não programada e erudita, a sabença marota que desconstrói certezas e se nutre do procedimento artístico ligado à improvisação e à variação.

*Si não sou um homem muito erudito (e sei que não sou, minha educação tem falhas enormes), isso se deve exclusivamente à minha sensualidade. Não só o uso e abuso de todos os prazeres da vida baixa me tomaram e tomam muito tempo (levo sempre pelo menos três quartos de hora me barbeando...) mas desde cedo esses abusos me prejudicaram muito certas faculdades, especialmente a memória. Si eu guardasse na memória pelo menos um décimo de tudo quanto tenho lido... e compreendido, acho que seria um assombro de erudição neste país. Não de inteligência, mas de erudição, coisas diferentes. Mas não guardo nem a milésima parte do que aprendo! Eu sou o tipo de sujeito que "não sabe".<sup>1</sup>*

O lado desconstrutor de Mário se concentra principalmente na criação de *Macunaíma*, obra-prima do Modernismo Brasileiro, calcada na revisão de todo o populário nacional e no deslocamento parodístico de dogmas e cânones oficiais. Vampirizando o saber institucionalizado, *Macunaíma* representa a força revolucionária de uma aprendizagem em processo, embaralhando os textos da cultura erudita e o imaginário, constituído de lendas, contos populares e mitos indígenas. Inverte as frases feitas, os provérbios, desmetaforiza o discurso eloqüente dos doutores, rompendo com hierarquias e integrando-se à "fala impura" do papagaio, ave emblemática do herói.

A construção de uma nova visão de cultura brasileira se fundamenta no artefato simbólico de uma linguagem sem nenhum caráter, no amálgama de estilos e apropriações das mais diversas fontes do saber erudito e popular. O esquecimento, tal como acontece na prática recitativa dos rapsodos gregos e dos cantadores nordestinos, propicia a inven-

<sup>1</sup> ALVARENGA, O. & ANDRADE, M. de. *Cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983. p. 176.

ção e o improviso. Criar é esquecer modelos, driblar os versos guardados na memória, brincando com o arquivo cultural de forma a anarquizar com sua estrutura parasitária.

A defesa de um “nacionalismo pragmático” - a busca na realidade brasileira dos elementos constituintes da identidade - consiste, segundo o próprio autor, na recusa de uma aceitação passiva dos modelos da vanguarda européia. Por essa razão, esse projeto revela-se provisório e tende a se modificar ao longo da trajetória intelectual de Mário de Andrade. Como exemplo desse “nacionalismo pragmático”, cite-se a transformação de Macunaíma no “brilho inútil das estrelas”, por ter preferido a portuguesa às filhas de Vei, a Sol, representantes que são da civilização da luz. A punição do herói é decorrência de sua incapacidade de realizar algum empreendimento, deixando-se dominar pela preguiça dos trópicos e pelo abandono existencial.

#### UM SABER MODERNO, *MA NON TROPPO*

Por ter desempenhado, ao longo de sua trajetória, papel relevante na construção de um pensamento crítico brasileiro, a figura de Mário se desdobra em múltiplas feições, razão pela qual se apresenta como autor polêmico. Sua intensa atuação como escritor, intelectual e homem público trouxe-lhe tanto a experiência enriquecedora de participação no processo de democratização cultural do país, quanto, no exercício de suas atribuições profissionais, a conflituosa convivência com os princípios políticos. Importante lembrar, portanto, que durante os anos 30 - período em que assume cargos de confiança nos órgãos governamentais - o país experimentava uma de suas fases mais críticas de redefinição política e cultural.

O lado homem público do escritor não se afasta do seu lado artista, revelando-se, contudo, visão mais aguda da tradição. Ao se lançar na construção de um retrato de Brasil, apela mais uma vez para o intercâmbio de culturas, fundindo criticamente a européia com a nacional. Dentro desse espírito que está sempre se renovando, vale lembrar a visita da caravana paulista às cidades históricas de Minas, em 1924, repercutindo sobremaneira na convivência do velho com o novo, com o barroco mineiro, ao mesmo tempo marca da tradição e do exotismo. Ao eleger o barroco como traço significativo de nossa nacionalidade, comparando-o com o expressionismo alemão, Mário encontra aí a mesma deformação do objeto pelo olhar desconstrutor do sujeito. Ambos

os movimentos artísticos representam, para o escritor, o surgimento de um homem novo.

Explica-se o nacional pelo viés do expressionismo, sem que essa postura traduza uma forma de prisão do modelo europeu. Pelo contrário, acena para o procedimento astucioso do esquecimento como saída para se criar o desenho simultâneo de dois momentos historicamente separados. Com a visão de presente - tanto da vanguarda européia quanto da releitura do barroco colonial - constrói-se o terceiro elemento que se traduz em nova feição do nacional.

A revisão desse conceito se apóia nas ruínas de uma cultura que ressurgiu para fortalecer o presente; a tradição do patrimônio, em estado de abandono, merece ser urgentemente restaurada e recuperada. Nessa época de modernização do país - que tem sua fase áurea nos anos 30 com o governo de Vargas - dois princípios serão portanto obedecidos por Mário de Andrade: 1) a proibição do plágio, uma vez que a propriedade pública deve ser preservada enquanto bem cultural do país. Reforça-se o direito à propriedade privada e nega-se a apropriação indébita de bens culturais exercida amplamente pelo escritor no seu processo criativo. Inverte-se, portanto, a premissa antropofágica: “só me interessa o que não é meu”; 2) a fidelidade à memória cultural do país será preservada e institucionalizada pela criação de órgãos governamentais, solicitando-se mais uma vez a concorrência da Europa que fornecerá os “modelos avançados” de política de preservação do patrimônio. A importação desse princípio democrático e avançado não será, contudo, traído pelo projeto de modernização dos países emergentes (Macunaíma, no seu canto, iria rir dessa diferente postura de Mário diante dos bens culturais estrangeiros).

Percebe-se, de imediato, nos inúmeros textos que o autor escreve nessa época - cartas ou projetos referentes ao Departamento de Cultura do Ministério Capanema - o lado empreendedor do homem público, norteado por princípios nacionalistas e conservadores. Nesse ofício, o escritor se rende à sedução de projetos sistematizados e esquadrihados para a construção da memória cultural brasileira. Impressiona-se, enquanto intelectual de formação autodidata, com a criação de universidades, apoiando a vinda de professores estrangeiros, dotados de instrumental técnico-científico capaz de suprir as deficiências do nosso ensino. São duas faces de uma mesma moeda: o arquivista se debate o tempo todo com o colecionador de objetos, colocados lado a lado sem nenhum critério de seleção ou de sistematização. O escritor embaralha

o arquivo, esquecendo, às vezes, o pesquisador, de brincar com os bens culturais. Desse conflito nasce, contudo, uma das obras mais intrigantes do Modernismo brasileiro.

Exemplo significativo das mudanças processadas em Mário quanto às novas formas de sistematização do saber é o ensaio “Elegia de abril”, de 1941, encomendado ao escritor pelos jovens fundadores da revista *Clima*. (Destacava-se, entre eles, o então promissor crítico literário Antonio Candido). Em flagrante contradição com a defesa, assumida tantas vezes por Mário, do culto à preguiça criativa, da “traição da memória” como estratégia poética, vê-se atraído pela “racionalidade analítica” e pelo avanço técnico dos países desenvolvidos. O sistema cultural brasileiro, dominado até então pela prática do improvisado e pelo valor conferido à inteligência e ao brilho pessoal, deverá se guiar pelo exemplo do saber europeu, adquirido por meio da lentidão e do processo de amadurecimento da experiência.

A reprodução de um trecho de “Elegia de abril” é significativa para se captar o entusiasmo de Mário pelo teor acadêmico das novas pesquisas produzidas nas universidades:

*É certo que sob o ponto de vista cultural progredimos bastante. Se em algumas escolas tradicionais há muito atraso, junto aos núcleos de certas faculdades novas de filosofia, ciências e letras, de medicina, de economia e política, já vão se formando gerações bem mais técnicas e bem mais humanísticas. (...) Esta melhoria sensível da inteligência técnica se manifesta principalmente nas escolas que tiveram o bom senso de buscar professores estrangeiros, ou mesmo brasileiros educados noutras terras, os quais trouxeram de seus costumes culturais e progresso pedagógico uma mentalidade mais sã que desistiu do brilho e da adivinhação.<sup>2</sup>*

Essa posição do escritor, ao mesmo tempo coerente e contraditória com os seus princípios estéticos, ainda persiste em muitos centros de pesquisa no país. Ao se privilegiar a aquisição acumulativa do conhecimento como prova de um método cognitivo em que prevalecem a

<sup>2</sup> ANDRADE, M. de. Elegia de abril. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, s/d. p. 185-186.

disciplina e a racionalidade, a lição de Mário fica parcialmente entendida. A múltipla e valiosa herança que lega para a cultura brasileira não poderá se restringir a esse lado avesso ao saber macunaímico, desconstrutor de certezas e utilizador da preguiça como o “não-fazer” astucioso e criativo. Os dois pólos desse procedimento cognitivo - a intuição e a razão - nunca deverão ser interpretados isoladamente.

No ensaio “Certidão de nascimento”, Paulo Eduardo Arantes discute a posição que Mário de Andrade assume em “Elegia de abril”, ao refletir sobre a história da formação filosófica da USP e, como consequência, os efeitos produzidos na intelectualidade paulista. Segundo o autor, “*o amálgama do senso crítico e do savoir faire ‘técnico’ que moldava a cultura filosófica uspiana nos seus primórdios*”, encontrava no último Mário um de seus defensores. Valendo-se da opinião de Antonio Candido, Arantes reforça a tese de que o escritor, na época, nutria a crença no “*papel social e na força das luzes*”, além de “*fazer da técnica o seu cavalo de batalha*”. O Brasil, país periférico e em fase de modernização, se entusiasmava com a sistematização do saber que nos chegava da Europa. Jovens intelectuais, modernistas veteranos e professores franceses desempenhavam, nesse período, papel semelhante na construção de um pensamento crítico nacional, como assim interpreta Arantes:

*Veja-se novamente a questão da “técnica”, verdadeiro muro de arrimo numa terra “pouco afeita aos estudos conscienciosos”, e logo se verá que o radicalismo modesto da Faculdade de Filosofia, encarado por Antonio Candido, rimava muito bem com a “modesta consciência técnica” tão prezada por Mário de Andrade na escola de São Paulo, fruto - tal consciência - de instituições bem planejadas que tiveram o bom senso de buscar professores estrangeiros. É que, para recordar a definição famosa da Elegia de Abril: “se o intelectual foi um verdadeiro técnico da sua inteligência, ele não será jamais um conformista.”<sup>3</sup>*

Carlos Sandroni, em admirável ensaio sobre o período em que

<sup>3</sup> ARANTES, P.E. Certidão de nascimento. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 23, p.153, mar. 1989.

Mário era Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo (*Mário contra Macunaíma*, 1988) ressalta a inclinação do escritor pelo aprimoramento e pela lentidão do saber, em oposição à velocidade e ao ritmo alucinado das descobertas vanguardistas. Por entender serem precários o conhecimento, a literatura e a própria existência - máxima poético-existencial do autor modernista - não despreza, contudo, as lições trazidas pelas novas "tendências científicas" estrangeiras. A consciência técnica, introduzida pela criação das universidades, constituía o exemplo da diferente mentalidade que ganhava corpo no cenário cultural brasileiro. A intuição cede lugar ao sistema cognitivo e racional, da mesma forma que o procedimento sintético se diferencia do analítico.

*A intuição possui caráter sintético, opondo-se à razão que pode chegar a sínteses provisórias mas procede sempre por meio da análise. O conhecimento intuitivo surge inteiro de um só olhar, num insight instantâneo e completo. O conhecimento racional exige demoras, tateios, desvios. É estreita e constantemente constrangido por imperativos metodológicos e como se não bastasse sofre de incompletude crônica.<sup>4</sup>*

As considerações de Sandroni reforçam o caráter paradoxal da posição de Mário diante dos apelos que lhe acenavam de ambos os lados: o intuicionismo e o conhecimento racional. Ao perceber que tornava-se cada vez mais impossível fugir das formas constituintes de nossa vida cultural, pautadas pela intuição, consegue aglutiná-las às "formas analíticas estrangeiras", regenerando, assim, a cultura européia no Brasil, no lugar de negá-la. Com base nessa nova postura, a poética andradina consegue associar, nos anos 20, o barroco mineiro - a tradição da arte brasileira - com a vanguarda européia, não mais representada pelo cubismo francês, mas pelo expressionismo alemão. Cabe ressaltar, nessa escolha, a tentativa de afirmação do nacional pela mediação do universal, da condensação e deslocamento dos valores europeus com os valores brasileiros. Em resumo, reunir a vanguarda européia com a tradição do barroco brasileiro significa criar uma terceira via configurada pelo paradoxo entre as culturas.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> SANDRONI, C. *Mário contra Macunaíma*. São Paulo: Vértice; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988. p.46

<sup>5</sup> Idem, p. 48.



Em 1944, a crescente inquietação do intelectual pelas transformações verificadas no interior de seu próprio discurso teórico se confirma em carta a Newton Freitas, amigo e correspondente argentino. Ao comentar a tradução para o espanhol do ensaio de sua autoria, “Do desenho” - publicado originalmente como introdução à edição de luxo de “Mangue”, de Lasar Segall - confessa reconhecer nesse texto um refinamento na abordagem do tema. Esclarece, assim, o porquê da aceitação e do fácil entendimento do ensaio pela intelectualidade argentina, por ela manter, na época, maior afinidade com a cultura européia. O mesmo não se verificava com a cultura brasileira:

*Sabe que quando eu estava escrevendo isso, de repente, vendo que era um pouco grandioso como maneira de pensar, eu imaginei: está um trabalho escrito mais ao jeito intelectual dos argentinos que dos brasileiros. Pois o trabalho foi apreciado mediocrementemente aqui, mas o Frontini veio me chamando ele de “maravilhoso”. De fato eu acho que os argentinos já atingiram uma civilização intelectual, um refinamento de pensar à européia, maior que os brasileiros.<sup>6</sup>*

O ensaio introduz associações valiosas entre o desenho e a poesia, além de remetê-lo para as artes do inacabado que o insere numa das várias linhas da estética modernista. O aspecto refinado do texto justifica-se pela aguçada sensibilidade do ensaísta diante das tendências contemporâneas de arte e de poesia, o que vem reforçar sua importância como escritor e teórico. No entanto, era ainda por via indireta - a cultura argentina - que Mário reconhecia estar o seu trabalho à altura da cultura européia.

Com a intenção de apenas arrematar essa ligeira revisão do papel de Mário de Andrade no espaço cultural brasileiro, algumas idéias deverão ser reforçadas quanto à distinta posição assumida pelo escritor diante dos “modelos” estrangeiros.

Nesse sentido, é preciso ressaltar que qualquer tipo de raciocínio maniqueísta impede o entendimento de sua atitude intelectual, dividida

<sup>6</sup> ANDRADE, M. de. Cartas de Mário de Andrade a Newton Freitas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 17, p.91-120, 1978. p.114.

entre o saber descompromissado e macunaímico e outro, voltado para a rigidez técnica e racional. Este último, atualizado pelo projeto moderno de construção da memória nacional e da sistematização de um pensamento crítico brasileiro. As oposições se enfraquecem mediante o exame do trajeto intelectual do escritor, na medida em que se embaralham os critérios utilizados para determinar os pólos da oposição. A sua poética, calcada na preguiça, na lentidão sensual dos atos e na traição da memória será parcialmente retomada no processo de recuperação da memória cultural do país. Persiste, contudo, a atração pela ordem e pela maturidade verificada nos alicerces da cultura estrangeira, assim como pela pesquisa mais cuidadosa do pensamento crítico iniciado pelo ensino universitário.

Embora o escritor tenha inúmeras vezes confessado o seu fascínio pela organização dos bens culturais do país - o mapeamento da casa nacional - esta empresa sofria, simultaneamente, um recorte crítico ligado ao caráter autoritário e conservador do governo e à frente de um golpe de vanguarda.

Não resta dúvida que Mário, diante do imperativo de intervir no processo de modernização do país, esbarra-se nas suas convicções democráticas e revolucionárias. O seu discurso moderno coincidia, em parte, com o discurso autoritário do governo Vargas, o que, na realidade, era responsável pelos maiores conflitos vividos pelo escritor. Marília Martins, em artigo publicado no *Jornal do Brasil* de 18/01/92, resume de forma precisa o dilema do intelectual, representante tanto da modernidade quanto da vanguarda:

*Que o intelectual modernista tenha participado corretamente da legitimação do autoritarismo centralizador do Estado, nos anos 30, é fato que já não espanta. Pertence ao próprio projeto de modernização proposto pelo movimento de 22. A descoberta de mais uma fração do volumoso tratamento epistolar de Mário de Andrade traz pinceladas decisivas para a composição de um perfil do intelectual dessa geração: vanguardista na exata medida que se mostra autoritário, modernista no mesmo tanto que se sente missionário.<sup>7</sup>*

<sup>7</sup> MARTINS, M. Mário de Andrade sem meias palavras. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 jan. 1992.

Em trabalho recente sobre a construção do auto-retrato de Mário através de sua correspondência com os mineiros<sup>8</sup>, explorei as diferentes opiniões e atitudes reveladas na análise que faz do caráter do brasileiro. Ao associar, por exemplo, o calor à preguiça, encontra meios de explicar o porquê do comportamento descompromissado e intuitivo dos habitantes das regiões quentes, em contraposição àqueles que vivem nas regiões temperadas. Estes, mais propensos ao trabalho, à seriedade e à moral, configuram o avesso de Macunaíma, herói solar e mestre da preguiça. Tal rede aparente de oposições, além de remeter a equívocos de interpretação cometidos pelo escritor, entre eles a naturalização do conceito de comportamento social, responde ainda às suas limitações ideológicas, motivadas por interesses pessoais e circunstanciais.

Seria, contudo, demasiadamente ingênuo, exigir do escritor coerência entre gesto e fala ou entre vida e obra. Como Bandeira, Mário idealizou sua Pasárgada - constantemente desdobrada - com o intuito de fugir da inutilidade existencial, causada pela “civilização”, pelos compromissos inadiáveis, pelo livro de ponto. Lúcida e dramaticamente reencarnou o diálogo entre lazer e labor, intuição e razão, prazer e dor. Em 1933, ao responder a um questionário de uma editora americana, o intelectual Mário de Andrade manifesta seu desejo de se afastar da “civilização” e morar na Amazônia, repetindo o destino ficcional de Macunaíma. Esse conflito irá acompanhá-lo durante toda a sua vida, o que reforça o fascinante e sofrido diálogo do intelectual consigo próprio e com os outros.

*Detesto os climas moderados e por isso vivo pessimamente em São Paulo. Também não aprecio a civilização, nem muito menos, acredito nela. Tanto o meu físico como as minhas disposições de espírito exigem as terras do Equador. Meu maior desejo é ir viver longe da civilização, na beira de algum rio pequeno da Amazônia, ou nalguma praia do mar do Norte brasileiro, entre gente inculta, do povo. Meu maior sinal de espiritualidade é odiar o trabalho, tal como ele é concebido, semanal e de tantas horas diárias, nas civilizações chamadas “cristãs”. O exer-*

---

Caderno B, p. 1.

<sup>8</sup> SOUZA, E.M. de. Autoficções de Mário. *Revista de Estudos Literários da FALE*. Belo Horizonte, n. 1, 1993.

*cício da preguiça, que eu cantei no Macunaíma, é uma das minhas maiores preocupações.*<sup>9</sup>

Diante da tarefa delicada de esboçar, em poucas linhas, um dos possíveis perfis de Mário, sugere-se a interpretação de seu pensamento com os olhos voltados para as contradições e incongruências que os intervalos e os silêncios de seus textos deixam transparecer. A abertura de novos atalhos contribuirá, talvez, para a revelação dos limites ideológicos e pessoais que perpassam o grande texto andradino. Longe de constituir uma leitura que arranhe a integridade de sua imagem, pretende-se, ao contrário, incentivar o desdobramento da figura do autor em personagem das inúmeras narrativas que a crítica vem construindo ao longo do tempo.

---

<sup>9</sup> ANDRADE, M. de. 1993 (?) Resposta ao inquérito sobre mim pra Macaulay. In: *Entrevistas e depoimentos*. Mário de Andrade. Ed. org. por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p. 41.